

A peste, a gripe espanhola e a covid19 – geografizando as pandemias pelo mundo

Romualdo Pessoa Campos Filho

da Universidade Federal de Goiás – Goiânia - Brasil

romupessoa@gmail.com

Resumo: A pandemia que atinge o mundo, causada pela disseminação do vírus “SARS COV-2”, é um dos maiores desafios que a humanidade já enfrentou. Mas, é preciso retornar ao passado, e, pela história, tentar entender como enfrentamos e lidamos com outras epidemias em épocas distintas, que levaram a morte de milhões de pessoas. Neste artigo, de caráter bibliográfico, analisamos três casos, a peste na idade média, a gripe espanhola do início do século XX e a atual epidemia covid19. Em cada um desses momentos houve distintas maneiras de lidar com as doenças e estratégias para retomar a normalidade social. Entender pelo menos parte desses processos históricos é o que se propõe esse texto.

Palavras chave: Pandemias. Covid19. Enfrentamento. Análise histórica

Introdução

Vivemos, inegavelmente, um dos momentos mais complexos da história da humanidade. Uma paralisação sistêmica que atinge praticamente todo globo terrestre, forçando quase uma estagnação no processo produtivo. Não existem precedentes, mesmo nos momentos mais críticos seja por questões de guerras, de depressão econômica, ou mesmo de outras pandemias que já nos atingiu. Ao analisarmos cada um desses momentos, em suas dinâmicas, veremos que por maiores que tenham sido os impactos, isso não gerou uma quase completa paralisação no sistema produtivo, de forma a afetar a maioria das cadeias produtivas, desde a aquisição de matérias-primas até a circulação de mercadorias.

Somente essa constatação nos permite considerar as dificuldades que teremos de lidar com os momentos seguintes a essa pandemia e à quarentena necessária para conter a propagação do vírus “Sars Cov-2” e a COVID19.

A disseminação de um vírus como esse decorre da maneira como escolhemos viver. Ou melhor, mais do que escolher viver, isso diz respeito a transição da vida no campo para as cidades, que transcorreu por séculos até se concretizar na inversão demográfica no final do século XX. De um lado devido à decadência do modo de produção feudal, e, por outro lado, pela ascensão do comércio de manufaturas transfronteira. Mas, principalmente, pela transformação das matérias primas em mercadorias, já em escala industrial, para gerar riqueza através da exploração da mão de obra dos trabalhadores que ficavam ociosos como consequência do crescimento populacional nas cidades e o esgotamento da produção no campo.

Foram séculos para que esse processo se acelerasse, da linha de montagem fordista para o Toyotismo, e a robotização crescente, até que a revolução agrícola tomou a dimensão de desenvolvimento tecnológico e da quimização, de forma a concentrar a produção em grandes propriedades, e acelerasse a transição do campo para a cidade já dentro do processo de consagração dos meios de produção capitalistas. As cidades cresceram e se urbanizaram ao longo do tempo, e dos séculos, mas mantiveram as desigualdades econômicas, a segregação étnica, social e de gênero.

Desenvolveram em seus entornos cinturões de pobreza e miséria crescente, com o banditismo assumindo o controle por meio do tráfico de drogas e da ascensão das milícias controladas por policiais e ex-policiais. Enquanto isso o Estado afastava-se de onde pouco esteve ao longo de séculos. Pobreza, miséria, ausência de saneamentos básicos, falta de infraestruturas urbanas... e no topo da pirâmide 1% concentrando mais da metade da riqueza mundial. Desde a idade média esses ambientes sempre foram absolutamente favoráveis à disseminação de endemias, epidemias e pandemias. E na esteira dessas crises aumento de desemprego, revoltas populares, governos totalitários, revoluções... Não há como conter as mudanças que se seguem a essas crises, e elas podem ser de vários tipos.

A Peste

O mundo medieval foi marcado em sua formação pela descontinuidade do poder imperial romano. Pelo menos na parte ocidental do império, já que para o oriente o transcurso do desenvolvimento econômico e social seguiu por outro caminho, principalmente na manutenção de uma ordem focada na centralização do poder absoluto, muito embora caracterizado pela ausência da propriedade privada da terra, que seria determinante na estrutura feudal. Mas, essa característica não era definidora de ordem. Ao contrário, a ausência de um poder centralizado fez da Idade Média uma conjunção de reinos formados por uma somatória de pequenas aldeias e de fortalezas resguardadas por milícias privadas de mercenários.

As cidades perderam importância por um longo período entre a decadência romana, século V e o século XV. Dez séculos de uma longa noite dominada pelo poder clerical do cristianismo católico, e de uma ideologia imposta sob uma rigidez férrea, acentuando-se pelo tempo de influência da chamada “Santa Inquisição”, quando os supostos hereges passam a ser perseguidos duramente, gerando por consequência uma onda de medo dos castigos que podiam afetar até mesmo os que eram crentes do poder de Deus, que temiam pecar e serem punidos por isso. O medo era o condutor das ações das pessoas, que temiam não serem perdoados e

pagarem por suas culpas no fogo do inferno, ambiente que já fazia parte do imaginário cristão, e que se soma na Idade Média ao purgatório, antessala entre o paraíso e o território demoníaco.

Nesse ambiente a ciência era marginal, praticada por curandeiros que viviam no embate com a igreja, e por isso limitada na sua capacidade de compreensão e experimentos. Já que muitos corriam o risco de serem acusados de hereges, caso divergissem dos fundamentos cristãos. Nos séculos XIV e XV esse embate seria posto à prova, com a disseminação da segunda onda da peste bubônica. Esta ocorreu primeiramente no século V, chamada de peste Justiniana, atribuída ao nome do imperador bizantino que tentara reunificar o império e ao disseminar a guerra enfraqueceu mais ainda as cidades, já estagnadas e com uma imensa população miserável. O foco foi Constantinopla, capital do Império Bizantino.

Em sua segunda onda, a disseminação da peste foi acelerada pelas condições urbanas, já crescentes, mas absolutamente desguarnecidas de condições higiênicas básicas e com uma população que crescia numa lenta transição do campo para as cidades. A putrefação que se espalhavam por ruas e becos e a ausência de habitações urbanas decentes se constituíam em ambientes adequados para a proliferação dos ratos que eram hospedeiros das pulgas, principais vetores da bactéria pestilenta.

Milhares de pessoas morriam diariamente, sem que se pudesse obter soluções para conter um microrganismo implacável, nem respostas para sua origem. Numa época dominada pelo controle do medo, a religião se impunha como redentora, na tentativa de compreender o problema e purgar os indivíduos da punição divina. Mas, na impossibilidade de entender a origem do mal os sacerdotes colocavam essa responsabilidade nas mãos dos médicos, não sem a devida consideração que estes eram demandados pelo Senhor.

O Eclesiástico, estabelecendo a origem divina da medicina, determina que se honre o médico, posto que é necessário e criação de Deus. Investida pelo Pai, submetida portanto aos seus desígnios, o poder curativo da medicina a transcende, não lhe pertence em última instância. Seu poder interventor demanda do juízo de Deus, verdadeira fonte da saúde e da doença. (BASTOS, 2009, p. 62)

Na primeira onda, que teve na investida de Justiniano sobre o Ocidente um agravante para a disseminação da peste, as consequências foram determinantes para o rumo que seguiu a Europa, acentuando a crise que levou à desintegração do Império Romano e a dispersão de sua população por reinos fragmentados e esvaziamento das cidades. Pobreza, violência e o crescente poder da igreja, transformaram a opulência do império numa vastidão de miséria, e o medo a conduzir os destinos em meio às invasões dos chamados bárbaros.

A segunda onda atingiu boa parte do mundo (Europa e parte a Ásia, entre os séculos XIV E XVI), e a dimensão da doença foi muito maior. Algumas hipóteses consideram a existência de fortes variações climáticas como prováveis causas para que se criasse um

ambiente favorável ao aumento da população dos pequenos roedores, que habitavam as ruas imundas de cidades que renasciam em meio ao deslocamento dos servos para as áreas urbanas.

(...) o deslocamento da epidemia para Ocidente fora precedido de uma longa série de catástrofes que, desde 1333, assolou diversas regiões chinesas. Alternaram-se, num período de 15 anos, secas prolongadas, chuvas torrenciais e tremores de terra que ceifaram, por si, milhões de vidas. Em última análise, tal frequência de distúrbios climáticos teria desalojado de seus focos naturais elevadas quantidades de roedores pestíferos, ainda hoje presentes na Manchúria, Mongólia e Turquestão. Seriam eles que, ao se dispersarem, juntamente com as primeiras populações infectadas, ensejaram a disseminação da doença. (BASTOS, 2009, p. 26)

Durante a propagação, e principalmente no combate à peste bubônica¹ (conhecida como “peste negra”), na Idade Média, as crenças religiosas dogmáticas tornaram-se um forte empecilho para a superação da pandemia, com atribuições metafísicas ao problema.

Tornava-se difícil o cuidado aos doentes, na medida em que o elemento subjetivo se impunha, e na identificação da doença o menosprezo ao indivíduo e a sua exclusão fazia com que ele fosse praticamente expulso de seu lugar. Esse deslocamento para outras áreas facilitava a disseminação da doença, fazendo inclusive com que ela passasse a se difundir rapidamente também pelas áreas rurais.

Os efeitos da doença na vida das cidades e comunidades foi muito forte, e impactou mais ainda em função das transformações que já ocorriam. Esse efeito acelerou essas mudanças que foram longas e dolorosas, com desequilíbrios econômicos mais intensos, crescimento da miséria, ampliação dos mecanismos repressivos para combater uma imensidão de desempregados que vagavam pelas cidades e entre elas.

Em um primeiro momento houve fuga das cidades, que concentravam multidões de pessoas contaminadas e doentes em estados terminais. A fuga para o campo em um momento de fragilidade do sistema feudal não atendia as expectativas dessas pessoas, gerando um número expressivo de grupos de bandoleiros, aumentando a marginalidade. Isso fez com que se ampliasse também o número de mercenários, contratados pela nobreza para protegê-la. O caos se espalhou pelo mundo medieval.

Mas a crise possibilitou, ao mesmo tempo, como consequência e demonstrando a contradição que sempre acompanhou os modos de produção e suas transições, uma concentração de terras e a sua transformação em mercadoria, levando a um novo formato de apropriação e produção rural. Em função da crise, essa mudança se tornou essencial para a transição, e conforme (MARX, 1996, pp. 339/381) identificou, tornou-se parte da acumulação

¹ A *Yersinia pestis* é o agente causador da peste. Anteriormente a *Y. pestis* era denominada *Pasteurella pestis*. http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/epidemiologia/manual_peste.pdf

primitiva do capital. “Pressupondo a relação entre crise e decadência, crise e doença, a grande peste e seus efeitos acabam por revestir-se de uma singularidade profunda, tornando-se o *deus ex machina* da crise geral dos séculos XIV e XV”. (BASTOS, 2009, p. 29)

São inegáveis os impactos causados pela Peste e a sua disseminação por décadas, ultrapassando séculos e impactando mudanças que seriam fundamentais para a aceleração da decadência feudal, redefinições territoriais com proteção de fronteiras, fazendo surgir os primeiros estados e a centralização dos poderes. O mundo se refez depois da Peste, mas ao custo enorme de vidas (calcula-se que morreram entre 75 e 200 milhões de pessoas, e na Europa um terço de sua população), e por um tempo longo, pelo menos dois séculos, para atingir uma nova normalidade. Uma terceira onda da peste atingiu a Europa, principalmente a Inglaterra, no século XVIII, levando também a um número elevado de mortes e a uma situação de caos em Londres.²

Gripe “espanhola”

No começo do século XX, em pleno transcurso da primeira grande guerra mundial, um vírus mortal se disseminou rapidamente. Recebeu o nome no Brasil de “gripe espanhola”, aleatoriamente, não porque a origem dela fosse a Espanha, mas porque aquele país, sem alinhamento com os lados que estavam no conflito e com uma imprensa mais livre para noticiar o que acontecia na guerra e para além dela, foi quem primeiro divulgou a dimensão de uma doença que mataria cinco vezes mais do que a própria guerra. Sua origem, no entanto, teria sido nos EUA, cujos soldados infectados levaram o vírus em seus corpos para a Europa. Os países envolvidos no conflito recusavam-se a divulgar a gravidade da doença e isso certamente contribuiu para agravar o contágio por diversas partes do mundo.

Mas, exatamente por ter sido um efeito colateral para a aceleração do desfecho da guerra, essa doença, sabidamente uma gripe, identificada só depois como sendo causada pelo vírus *Influenza*, recebeu também o nome de “febre das trincheiras”, ou “febre dos combatentes”.

“A gripe, influenza, gripetta, cortesã, malmatelo, afecção catarral (*Synochus Catarrhalis*), febre de três dias, febre das trincheiras, febre dos combatentes, febre de Flandres, febre siberiana ou russa, febre chinesa, catarro espanhol, espanhola, ou qualquer outro nome dado por médicos ou pelo povo no decorrer dos tempos, é um mal, que, segundo os manuais epidemiológicos, data de cerca de 400 d.C, sendo descrita por Hipócrates. No decorrer dos anos de 870 s 1173 teria sido a gripe o mal que acometera diversas populações europeias, como a da França, em 1311 e da Itália, em 1323, apesar do obscurantismo dos fatos apresentados”. (GOULART, 2003, p. 33)

² Esse caos londrino e o combate à peste, vinculado a um processo denominado naquele período na Inglaterra de “Restauração”, foi registrado em livro e adaptado para o cinema no filme “O Outro lado da Nobreza”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Restoration>. Acesso em 17.04.2020

Entre o espaço de tempo percorrido desde o final da grande peste (século XVI), até o começo do século XX, diversas outras epidemias ocorreram, não com intensidade semelhante, mas a propagação de vírus se acentuava à medida em que o estilo de vida das sociedades se transformavam, e o habitat em cidades se tornavam mais do que atrativo, uma necessidade para atender a lógica de funcionamento do sistema capitalista. O deslocamento de populações se deu de forma intensa, acelerada e descontrolada, deixando os ambientes urbanos fétidos pela ausência de infraestruturas básicas que atendessem toda a demanda.

Mas, ainda no final do século XIX as condições das cidades propiciavam a proliferação de vírus e bactérias, facilitando a disseminação de doenças que se espalhavam com muita intensidade rapidamente em função da falta de higiene e do aumento descontrolado da população urbana.

Nas condições de guerra, com o deslocamento de tropas e soldados em condições precárias de sobrevivência, facilitava a disseminação do vírus e tornava-os não somente vítimas potenciais, como vetores da transmissão da doença. Por isso, a denominação de febre das trincheiras, por ser essa uma das características mais forte na primeira guerra mundial, do entrenchamento das tropas e do confronto corpo-a-corpo.

Os relatos lidos são unânimes em afirmar como eram aterradores a velocidade do contágio e o número de pessoas que eram acometidas pela moléstia. Era apavorante a rapidez com que ela invadia os corpos, devido ao curto período de incubação. A influenza, tida como uma doença benigna, assumia várias fisionomias classificadas como: pneumônica, broncopneumônica, gastroentérica, coleriforme, nevrálgica, intestinal, polineurítica, meningítica, meningo-encefálica, renal, astênica, sincopal e fulminante. O tipo mais letal era descrito como mista, ao mesmo tempo, meningo-encefálica, broncopneumônica e gastrointestinal, sendo denominada *morbus extremis*. GOULART, 2003, p.55)

Embora a disseminação da doença entre as tropas tenha sido um dos motivos que levou a aceleração dos acordos e a finalização da guerra, pouco se soube dessa influência em obras importantes que relatam o processo histórico desse período. Obras importantes como “Era dos Extremos” (HOBSBAWM, 1995), e “Formação do Império Americano” (BANDEIRA, 2014) não fazem referência à Gripe Espanhola, nem suas consequências, com um número impressionante de mortos, que impactou na economia de muitos países.

Além disso, a terminologia da doença serviu para externar as visões preconceituosas entre um e outro país, ou a responsabilizar o outro pela disseminação da doença e aceleração do contágio do vírus influenza, demonstrando que acabara a guerra, mas ficou presente a disputa entre as nações, e no pós-guerra falou mais os objetivos geopolíticos estratégicos do que a preocupação em conter uma epidemia que faria mais vítimas do que a própria guerra.

“Espanhola” foi a denominação que chegou ao Brasil. Mas na verdade, esta enfermidade acabou recebendo inúmeros nomes diferentes. Os países afetados atribuíam uns aos outros a culpabilidade pela doença. Na Rússia, a doença recebeu o nome de Febre Siberiana; na Sibéria, Febre Chinesa; na França, Catarro Espanhol ou Peste da Senhora Espanhola; na Espanha, foi batizada com o nome de Febre Russa...³

Mas, se na análise do contexto histórico a gripe espanhola não ganhou a dimensão necessária, ficando mais restrita aos especialistas em saúde, mesmo entre os historiadores, é correto assinalar que as transformações que afetaram a forma como o mundo seguiu na década de 1920, teve muito a ver com o estrago causado por essa que se tornou a maior pandemia do século XX. Caso aplicássemos o percentual de mortos pela gripe espanhola em uma projeção para os dias de hoje, e possíveis vítimas da Covid19, o quantitativo de mortos seriam de cerca de 200 milhões de pessoas.

Anno XLIII Rio de Janeiro - Terça-feira 15 de Outubro de 1918 N. 286

GAZETA DE NOTÍCIAS

NUMERO AVULSO 100 RS. Stereotypada e impressa nas machinas rotativas de Marinoni, na Typographia da Sociedade Anonyma GAZETA DE NOTÍCIAS. NUMERO AVULSO 100 RS. De circulação regular e sem taxa de exemplar extra

O RIO É UM VASTO HOSPITAL!

A invasão da influenza hespanhola

O povo sofre os horrores da exploração

A desidia criminosa do governo

Não ha medicos, não ha remedios

Soccorro!

De maneira assustadora, a epidemia alastra-se por toda a parte. As pharmacies difficilmente conseguem aviar as receitas que lhes chegam a dezmos e a três tostões. Já se anda a falta de medicamentos, que são vendidos a preços exorbitantes. Nos subúrbios, famílias inteiras vão chorando com a epidemia, sem estatistica medica e sem socorro.

O governo está na obrigação de agir promptamente, em defesa da população. Deve organizar uma brigada de salvação publica, chamando os medicos do interior, de Minas até ao Rio de Janeiro, requisitando os veterinários e os medicamentos necessarios, além de que as classes pobres não fiquem como está, completamente sem recursos e a mercê da epidemia, que já não apresenta a benignidade dos primeiros casos e torna-se caracter abominavel. Organize o governo a brigada de salvação publica, em defesa da população desvalida e que não tem medicina alguma nem a cidade, entregue a criminosos vigilantes sanitarios de Sr. Carlos Seidel.



Um aspecto da salvação da Divisória Grande

E' preciso demittir-o!

O abastecimento de alimentos e medicamentos para a população de todo o Brasil é uma tarefa que exige a mais alta responsabilidade. O governo deve garantir que todos tenham acesso a esses recursos essenciais.

Fonte: Senado Federal⁴

Não há como negar o potencial que um número de mortos tão alto, cerca de 50 milhões (podendo ter chegado até 100 milhões), causou nas sociedades daquela época. Principalmente,

³ Uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Corona vírus - <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em 15.04.2020

⁴ <https://www12.senado.leg.br/noticias/infograficos/2018/09/epidemia-de-gripe-espanhola-no-brasil-mata-presidente-faz-escolas-aprovarem-todos-os-alunos-e-leva-a-criacao-da-caipirinha>. Acesso em 18.04.2020

por ser um período de guerras, quando inevitavelmente a economia mundial entra em uma profunda recessão. A junção dessas duas catástrofes alterou as condições socioeconômicas daquela época, mas inegavelmente beneficiou aqueles países que souberam melhor tratar a epidemia, procurando criar condições que dificultassem a disseminação do vírus e não causassem um número muito elevado de mortes.

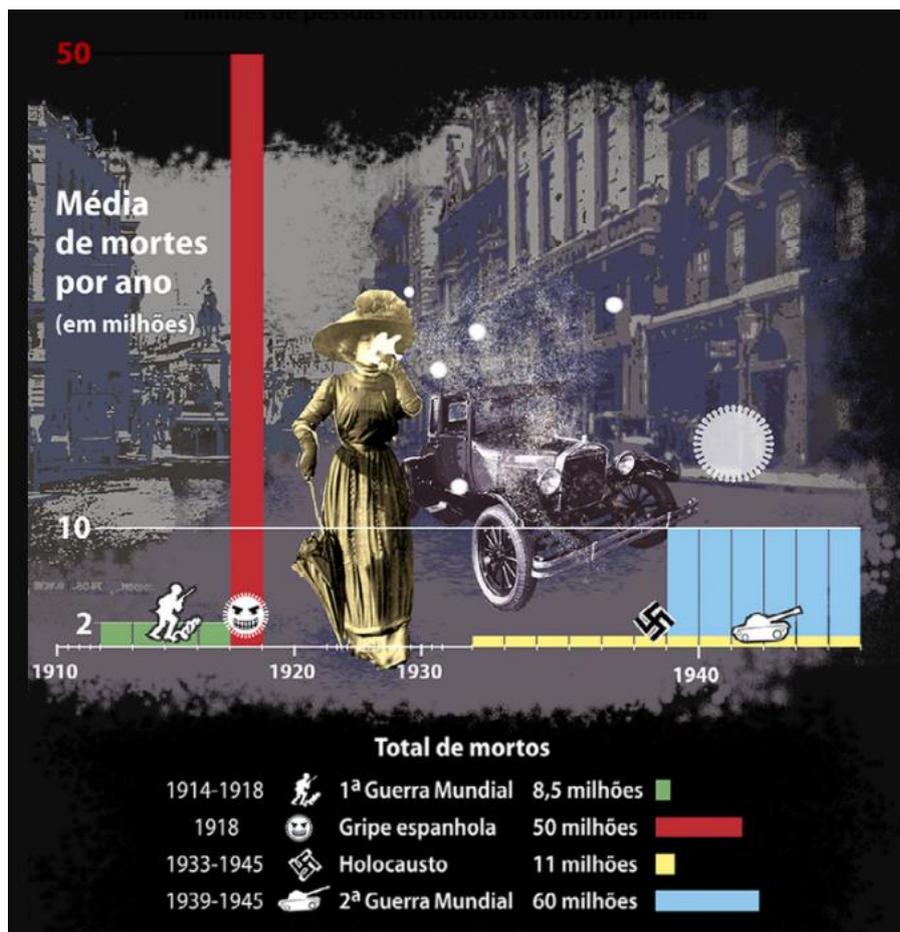
Nesse ambiente de tensões, disputas geopolíticas, necessária diplomacia para lidar com o fim da guerra e o controle de uma doença terrível pela celeridade de seu contágio e sua espacialidade, e afirmação de competências para administrar com crises, despontou como nova potência econômica os Estados Unidos, beneficiado pela geografia e por ter controlado a expansão da gripe com rapidez. Algumas de suas cidades, principalmente aquelas que se prepararam e realizaram o isolamento social, conseguiram fazer com que suas economias se recuperassem, garantindo PIB positivos, embora baixos. O que naquelas condições de redução da riqueza dos países tornou-se uma vantagem considerável.⁵

Mas não é incorreto afirmar que a própria facilidade com que o vírus se espalhou tenha a ver com a ocorrência da própria guerra, bem como a fragilidade dos soldados nos *fronts* facilitou o aumento da morbidade, como decorrência da imunidade baixa causada principalmente pela fome que se espalhava entre as tropas, forçadas a ficar nas trincheiras por muito tempo. Essa situação de fragilidade se mostraria fatal também nas populações mais pobres, e condições de vida marcada pela ausência de higiene e de elevada subnutrição.

Os números que indicam a mortalidade que a gripe espanhola gerou são espetaculares, grandiosos e deprimentes. Calcula-se em média que morreram 50 milhões de pessoas. Somente nos EUA teriam sido 25 milhões de mortos. “Ao todo, os especialistas do assunto apontam que a quantidade mínima de pessoas que morreram de gripe espanhola, entre 1918 e 1919, tenha sido de 50 milhões, mas algumas estatísticas elevam esse total para até 100 milhões de pessoas”.⁶ No Brasil o número de mortos registrado foi de 35 mil. Mas essa é uma quantidade subestimada. Teria morrido muito mais gente, mas a causa da morte não foi identificada pelas autoridades, por várias razões, mas seguramente pela celeridade com que se dava o contágio e a ausência de medicamentos para contê-lo. Dentre os mortos no Brasil a gripe vitimou um Presidente recém eleito, mas ainda não empossado, Rodrigues Alves, morto em janeiro de 1919.

⁵ Cidades dos EUA que usaram isolamento social contra gripe espanhola tiveram recuperação econômica mais rápida, diz estudo. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52075870>
Acesso em 15.04.2020

⁶ *Gripe Espanhola*. <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/gripe-espanhola.htm>. Acesso em 17.04.2020



Fonte: Senado Federal⁷

Os anos seguintes foram trágicos. A humanidade viveu duas tragédias em sequência, e mal saiu de uma se deparou com outra mais fatal. Se recuperar de uma guerra mundial, que durou quatro anos, já seria um enorme desafio para economias esvaçadas pelo conflito. Mas depois disso, ainda se deparar com uma epidemia que além de destruir milhões de vidas dificultava a retomada do crescimento econômico, tornou-se um desafio enorme para os Estados-Nações, em meio às suas próprias divergências mal cicatrizadas. O mundo se transformou radicalmente. Os impérios foram desfeitos, o socialismo se impôs numa enorme faixa de terra que incorporava parte da Europa e da Ásia e fez surgir a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Os Estados Unidos da América despontou como a mais nova potência, ávida de desejos de se expandir, e assim o fez durante a década de 1920, muito por ter conseguido conter o avanço da gripe espanhola num tempo mais curto.

O ímpeto com que os Estados Unidos se entregaram no processo de recuperação econômica, e se constituído no maior credor do mundo, colaborando para a recuperação de

⁷ <https://www12.senado.leg.br/noticias/infograficos/2018/09/epidemia-de-gripe-espanhola-no-brasil-mata-presidente-faz-escolas-aprovarem-todos-os-alunos-e-leva-a-criacao-da-caipirinha>. Acesso em 18.04.2020

outros países, e ao mesmo tempo procurando isolar a URSS, elevou radicalmente o processo produtivo, modernizando os meios de produção, gerando empregos e distribuindo mercadorias para todo o mundo desenvolvido. Uma era de novas invenções e, principalmente, de utensílios domésticos e de consumo pessoal, acelerou de tal forma a economia e fez com que a produção de mercadorias atingisse uma perigosa fronteira entre a capacidade de produzir e consumir.

A década de 1920 foi marcada pelo deslumbramento com as novidades que se produziam, e com o crescimento do mercado competitivo. Mas, elevou ao limite a capacidade de as pessoas consumirem na mesma rapidez, causando um crash que fez implodir o sistema, quebrando a Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929 e botando o mundo de cabeça para baixo pelas duas próximas décadas seguintes. A grande depressão afundou o mundo economicamente e gerou monstros e perversões que culminou na Segunda Guerra Mundial.

Da influenza ao novo corona vírus

Após a tragédia que significou a pandemia de 1918, sendo impossível até mesmo dizer com precisão quantos morreram no período de contágio do vírus influenza, entre 1918 e 1920, outras epidemias foram registradas, por meio de disseminação acentuada de novos vírus e bactérias. Cada vez mais se confirmam as questões postas anteriormente, e que nos conduz aos elementos conclusivos, que as transformações sociais, a crescente urbanização e a concentração demográfica nas cidades, principalmente em função da pobreza crescente, se constituíram em fatores exponenciais para a disseminação dessas epidemias.

O sistema capitalista conseguiu superar muito rapidamente a destruição de dezenas de milhões de vidas. Algumas transformações foram fundamentais, na adaptação de situações que pudesse conter as doenças contagiosas. As cidades procuraram se adaptar às novas realidades, e os impactos econômicos foram diferentes para cada país, considerando também que muitos já estavam impactados pela grande guerra.

A máquina de produzir, em sua característica essencialmente expansiva, que determina o modo de produção capitalista, conseguiu superar essas adversidades e seguir em frente distanciando-se cada vez mais de formas de vida que sugeriam menos dependência dos avanços tecnológicos. Os avanços científicos se aceleraram, e produziram inúmeros remédios e vacinas para conter o aumento das doenças. Com isso fortaleceram-se enormemente as corporações farmacêuticas, e com o tempo, mais do que prevenir doenças a estratégia global dessas corporações visavam formas curativas, mediante a comercialização de um sem-número de medicamentos.

Acontece que o mundo lidava com microrganismos que não só se adaptam ao ambiente, como também sofrem mutações e tornam-se resistentes aos medicamentos. Eles se transformam e surgem com novas características genéticas, sendo preciso refazer os estudos para entender o sequenciamento genético, de forma a compreender sua dinâmica, sua formação (DNA) e como combatê-los. O que faz surgir novos remédios, e, nesse meio termo, nessa luta incessante contra inimigos quase invisíveis, milhões de vidas vão sendo ceifadas, e, ao mesmo tempo criando formas de convivência em sociedade marcada pelo distanciamento entre as classes sociais. Vamos nos acostumando a viver apartados e a conviver distanciado do outro. As desigualdades sociais são o termômetro do modelo de sociedade que foi sendo construída ao longo dos cem anos entre a Gripe Espanhola e a Covid19.

Essa nova onda de dispersão do Corona Vírus, agora conhecido como Novo Corona Vírus⁸ “Sars Cov-2”, e a doença denominada Covid19, em referência ao ano que se tomou conhecimento do seu aparecimento (dezembro de 2019), se disseminou a partir da cidade de Wuhan, província de Ubei, na China. Mas, a sua primeira aparição se deu em 1960, e seguiu por outros anos com suspeitas de ser sua origem através do morcego, ora se readaptando no organismo de outros animais, silvestres ou não, até se disseminar entre os humanos.

Mas, antes do Covid19 outras epidemias causaram preocupações mundiais, embora quase todas tenham ficado restrita às regiões de onde surgiram. A influenza sofreu mutações e segue até nos dias de hoje se espalhando nas sociedades. Em 2019 a Influenza e variações desse vírus, bem como outros que geram efeitos parecidos, seguiram matando muitas pessoas, principalmente aquelas com mais de 60 anos e/ou com outros problemas respiratórios.⁹

No entanto outras doenças despertaram fortes preocupações em paralelo a essas, demonstrando o quanto as sociedades humanas estão a cada ano sendo sujeitas a ataques desses microrganismos. Para não estender muito na identificação de cada uma dessas patologias, que ainda se encontram circulando pelas sociedades, é importante citar pelo menos mais duas delas: a AIDS=SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) e o Ebola.

A AIDS¹⁰ tornou-se um desafio preocupante e veio acompanhado de um forte preconceito, devido a transmissão do vírus ocorrer por meio das relações sexuais, e por ter se disseminado inicialmente nas relações homossexuais e entre os usuários de drogas injetáveis. Ainda não há cura, e os que estão com a doença são tratados a base de medicamentos

⁸ SARS (Síndrome respiratória aguda grave), e SARS-CoV-2, que causa a doença Covid-19 (CORONA VIRUS Disease 2019). <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coronav%C3%ADrus>. Acesso em 18.04.2020

⁹ Influenza: Monitoramento até a Semana Epidemiológica 49 de 2019. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2019/dezembro/23/Boletim-epidemiologico-SVS-38-2-interativo.pdf>

¹⁰ <https://www.msf.org/o-que-fazemos/atividades-medicas/hiv aids>. Acesso em 19.04.2020

antiretrovirais, que permitem aos pacientes viverem sem que o sistema imunológico seja afetado rapidamente. Porém, isso demanda um intenso cuidado para que outras infecções não apareçam ao longo do tratamento, principalmente as que afetam os pulmões. A AIDS foi primeiramente identificada nos EUA em 1981, por meio da descoberta do vírus SIV, encontrado em chimpanzés e no macaco-verde africano, mas especialistas calculam que ela já ocorria de diversas formas antes disso por diversos países da África, provavelmente a partir do Congo Belga (atualmente República Democrática do Congo).¹¹

Tendo sido identificado a partir da República Democrática do Congo, o vírus Ebola também tem nos morcegos os seus principais hospedeiros naturais. É terrivelmente mortal, chegando a letalidade a 90% dependendo do caso, e da capacidade imunológica do indivíduo. São várias espécies do Ebola, que vão surgindo e ganhando novas denominações a partir dos locais de onde surgem.¹² As estimativas quanto ao número de mortes causadas pelo Ebola não são confiáveis, em função das subnotificações, decorrentes das condições nas regiões em que vivem as populações mais atingidas pela doença. No Brasil não houve disseminação.

O combate ao Covid19 encontra o mundo hoje numa situação diversa daquelas vistas no combate à febre bubônica ou à influenza-gripe espanhola. Neste caso a circunstância de uma guerra mundial que mobilizou milhões de soldados por diversas partes do mundo, em especial Europa, tornou bem mais complicado o combate à epidemia, e ainda um sistema de saúde deficiente por todo o mundo. Situação bem pior, naturalmente, na idade média, quando da disseminação da peste que eliminou praticamente um terço da população europeia. Dificultado neste caso pela forte influência da igreja e as limitações da medicina e da ciência, sufocada pelo poder que era exercido pelas concepções religiosas e o temor que se tinha de confrontar os dogmas cristãos.

Vivemos atualmente uma situação diferente, em relação à importância e influência da ciência e da medicina nos dias de hoje, apesar dos ataques obscurantistas de um setor conservador ultra-direitista. Mas, isso se repete hoje, de certa forma, principalmente entre um segmento evangélico, de viés neopentecostal. E ocorre devido ao caráter usurário da prática existente nesse segmento, motivado pelas cobranças exorbitantes dos dízimos de seus seguidores, baseado no medo, na culpa e no individualismo que prega a doutrina da prosperidade, portanto radicalmente distanciado dos princípios e valores fundamentais do cristianismo primitivo, o que é possível por uma leitura bem particular e distanciado do tradicionalismo das próprias igrejas protestante, do livro sagrado do cristianismo, a bíblia.

¹¹ <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-aids/>. Acesso em 18.04.2020.

¹² <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/ebola>. Acesso em 18.04.2020

Esse segmento tem sido, por um lado absolutamente refratário ao isolamento social, principalmente ao impacto que isso causa em suas igrejas, impedidas de realizarem cultos presenciais; por outro lado é a parcela da sociedade que, inspirada nesses ensinamentos dogmáticos, anticientíficos e metafísicos, aprofundam a ignorância e o distanciamento em relação à ciência, constituindo-se em uma forte base de apoio ao negacionismo científico e ao próprio poder destrutivo do vírus, propagado pelo presidente da república do Brasil. Junta-se a esse segmento do protestantismo uma parte dos católicos, seguidores da chamada renovação carismática cristã, que se aproximam por esses caminhos dogmáticos e conservadores.

No entanto, majoritariamente, a sociedade tem se guiado pelos cuidados e orientações científicas, isso bem explicitado em pesquisas que apontam uma concordância com as orientações técnicas que têm permeado as decisões dos governadores, prefeitos escorados nos fundamentos apresentados pela Organização Mundial da Saúde. A pressão de boa parte das camadas empresariais é natural, já que a quarentena impõe o distanciamento e a paralisação do sistema produtivo.

Os embates existentes carregam elementos da rejeição à ciência, da religiosidade conservadora, da metafísica, mas também da política e dos interesses econômicos. Até porque há um projeto de poder subsumido nessas atitudes. Para tanto, o anticientificismo e a ignorância, como revés para comportamentos medievais, constituem-se em combustíveis para disseminar a mentira e acirrar ódios de vieses fascistas e neonazistas, trazendo para o noticiário e as análises sociológicas uma nova terminologia: a ***necropolítica***.

É importante ressaltar o uso dessa nova expressão que surge para identificar certos discursos, que tende cada vez mais a ser utilizados, a partir do momento em que se faz escolhas sobre quem deve morrer e viver, nas circunstâncias geradas pelo aumento de vítimas do Covid19, semelhante ao acontecido durante a Gripe Espanhola. Essa expressão foi criada pelo filósofo camaronês Achille Mbembe,¹³ e se aproxima da elaboração dada por Michel Foucault para compreender a maneira como os Estados passaram a utilizar de certas metodologias de controle do corpo, da população, e suas formas de imposição e controle social. Isso acontece quando os governos passam das formas de utilização de mecanismos disciplinares para mecanismos de controle. A saúde, a sexualidade, a alimentação, os costumes... tudo isso leva a emersão do biopoder,¹⁴ e da governamentalidade, como forma de garantir o controle social.¹⁵

¹³ <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>. Acesso em 15.04.2020

¹⁴ <http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/espaco/biopolitica.html>. Acesso em 15.04.2020

¹⁵ http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000200002&script=sci_arttext. Acesso em 15.04.2020

As tecnologias surgem e se desenvolvem, como reforço para essas novas formas de se estabelecer o controle por meio da biopolítica.

Também é preciso identificar nas formas como tem se dado as relações humanas com a natureza, a partir da lógica como funciona o sistema. Certamente será necessário repensar os mecanismos que têm sido criados para gerar riquezas crescentes, concentradas, por meio do desenvolvimento tecnológico acelerado, com um custo muito elevado para o meio ambiente, causando degradações e desequilíbrios com a destruição da biodiversidade existente em biomas importantes.

Pensemos no que acontece em nosso corpo quando esses microrganismos penetram. A baixa imunidade significa fragilidade, desequilíbrio, que nos tornam presas fáceis do vírus e somos rapidamente devastados pela doença. O vírus penetra nas brechas de um corpo imunologicamente fragilizado.

Assim é a terra quando a natureza é destruída e a biodiversidade afetada drasticamente, reduzindo as interações no ambiente e causando um desequilíbrio ecológico. Essa destruição da biodiversidade possibilita a determinados organismos se disseminarem, por não existirem mais predadores ao seu alcance. Isso gera um efeito dominó, afetando todo o ambiente, nos deixando fragilizados e desprotegidos, porque nossa opção de vida nos apartou da natureza, nos distanciou da vida em sua complexidade e nos manteve confinados em meios urbanos de onde espalhamos poluição, dejetos, apodrecemos a água, e criamos ambientes sujos onde se amontoam seres humanos que vivem como bichos, sujeitos a todo tipo de contaminação (MARQUES, 2016).

Sem querer ser conclusivo

Não foram somente essas as epidemias, ou ações de vírus e bactérias que causaram temor em governantes e insegurança na população neste e no século anterior. Cólera, varíola, sarampo, poliomielite, dengue, zika, chicungunha etc, se juntam aquelas outras já analisadas e colocam a prova a capacidade dos Estados saberem lidar com essas doenças, em meio a circunstâncias que apontam em outra direção, como decorrência do sucateamento do sistema de saúde e redução a cada ano maior dos percentuais necessários para atender as necessidades mínimas do combate não somente aos microrganismos causadores dessas doenças, mas as condições nas quais eles encontram o campo ideal para agirem e se proliferarem.

Por outro lado, também nesse intervalo de tempo de um século, outras formas de crise colocaram a prova não somente o sistema, mas a capacidade de superar as dificuldades das próprias pessoas. Se as crises epidêmicas deixaram rastros de absolutos caos econômico, outras

decorrentes de desequilíbrios estruturais, ou até mesmo decorrentes das consequências daquelas, estremeceram os alicerces do capitalismo: a grande depressão de 1929 e a crise dos sub-primés de 2008.

No entanto, nos baseando no que ocorreu após a grande depressão, que se inicia no final de 1929 e atravessa toda a década de 1930, até desembocar na segunda guerra mundial, houve uma transformação radical na sociedade, um aumento considerável do papel do Estado na solução dos problemas econômicos e sociais, e da garantia de emprego para a população, bem como levou a mudança de hábitos, nesse caso quebrado pelo advento da guerra, que pode também ser incluída dentre as consequências dessa crise de proporções mundiais, mas cujos efeitos foram mais fortes nos EUA e na Europa. No pós guerra as políticas econômicas utilizadas para superar a grande depressão, foram novamente implementadas. O Plano Marshall levou a recuperação da Europa, fortalecendo o Estado de Bem-Estar Social e tornando os Estados Unidos mais fortes, por ter ficado fora do epicentro da guerra.

Embora tenha havido um forte impacto nas estruturas do sistema capitalista durante a grande depressão, esse não foi tão intenso a ponto de paralisar as estruturas produtivas como consequência de uma imposição externa, aparentemente casual (embora se saiba que isso decorre da forma como a sociedade está organizada em grandes cidades, bem como a destruição da biodiversidade do planeta), mas podendo ser cientificamente demonstrada em suas causas fundamentais, inerentes ao próprio sistema.

Tentemos fazer uma comparação, sem anacronismos, entre a grande depressão, tendo como causa o excesso de produção do sistema e a redução do consumo, sem, contudo, ter havido forçosamente uma paralisação da economia, já que essa se deu na sequência da elevação produtiva. Com o que temos hoje, numa dimensão muito maior, já que a paralisação do processo produtivo se deu forçosamente, como necessidade para conter o poder viral.

Nessas circunstâncias, de uma absoluta impossibilidade das cadeias produtivas funcionarem, e uma paralisação no sistema afetando a quase totalidade das empresas, o que se prevê é um impacto muito mais forte na estrutura do sistema capitalista em comparação com o que ocorreu na depressão de 1929, ou mesmo na mais recente explosão de crise, em 2008, com a quase debacle do sistema financeiro mundial.

Isso tenderá a jogar por terra toda e qualquer iniciativa de gerir a economia com base nas receitas neoliberais, pois a única possibilidade de conter um caos de dimensão planetária, são os estados investirem maciçamente na economia, fortalecendo as empresas, dando suporte aos micro e pequenos empreendedores, e garantindo fortes investimentos em infraestruturas por todo o país, como elemento gerador de empregos, tal qual foi feito na grande depressão, seguindo-se as orientações keynesianas. Necessariamente terá que haver um retorno ao estado

de bem estar social, desmontando por completo todo esse aparato de reforma que levava a uma quase destruição do Estado naquilo que se tornava mais essencial a sua importância nas políticas sociais, principalmente com a necessidade de criação de uma renda mínima para populações carentes, a ser mantidas pelo Estado.

O isolamento social, o distanciamento das pessoas e o enclausuramento em circunstâncias as mais diversas, irá causar impactos muito fortes a depender da condição social e da dimensão habitacional onde cada família vive. Certamente, o pós-quarentena trará novos comportamentos sociais. Em primeiro lugar porque a crise imporá uma necessidade do estabelecimento de relações muito mais solidárias, em função do aumento da miséria e a disseminação da pobreza; em segundo lugar porque esse confinamento poderá trazer diversas reflexões sobre as formas como temos vivido em sociedade até então, com um distanciamento entre os próximos, e uma proximidade entre os distantes. Aquilo que nos transformou enquanto sociedade com o advento de novas tecnologias e das redes sociais, bem como dos mecanismos criados pela competição a qualquer custo e a necessidade de se garantir o primeiro lugar como condição de se ver inserido nos mecanismos inclusivos do sistema.

Penso que devemos resgatar aquilo posto pelo geógrafo Milton Santos em uma de suas últimas obras, e seguramente a de maior leitura: *Por uma outra globalização*. Não creio que devamos culpar a globalização pela disseminação do vírus, até porque outros vírus se disseminaram pelo mundo com alto grau de letalidade, embora não com a velocidade deste. Claro que nosso estilo de vida, nos últimos anos se acentuou muito fortemente pela forma como se deu a globalização, com o esvaziamento acelerado do campo e o crescimento exponencial das cidades, bem como uma forte destruição da nossa biodiversidade. Mas a globalização não é um sistema. Ela é apenas uma forma pela qual o sistema ampliou seu poder de contaminação da ganância, da usura, do acesso às novas tecnologias e das desigualdades sociais. No entanto esses são elementos inerentes ao sistema capitalista, em sua forma perversa, como descrito por Santos como uma das etapas, ou seja, da globalização como perversidade. (SANTOS, 2001)

Cumpre-nos enfatizar o aspecto final de seu livro, quando ele defende ser possível uma outra globalização, que possa primar pela solidariedade e pela necessidade de as pessoas por todo o mundo se ajudarem mutuamente, de forma a reduzir as desigualdades sociais. Porque não veremos, por mais que desejemos, o fim do capitalismo como consequência da disseminação da Covid19.

Ainda teremos um processo lento e doloroso, de ampliação da crise, da miséria, do aumento das desigualdades sociais, da violência, da perseguição aos que lutam contra essas condições perversas, e o poder concentrado nas mãos dos representantes das grandes

corporações, principalmente as financeiras, que podem sair dessa crise mais fortes e concentradas, na medida em que terão fortes injeções de recursos financeiros, como já está acontecendo e como aconteceu em 2008. Assim, suas garras podem se ampliar, através da aquisição de empresas em estado falimentar, levando as suas recuperações mediante a destruição de empregos, como se deu no final da década de 1980 na Europa e nos EUA, principalmente.

O que poderá fazer com que os rumos sejam outros? A partir daqui o que podemos fazer é deduzir, com base naquilo que nossa experiência pode permitir e nos conhecimentos históricos que nos remetem a momentos, senão iguais, mas muito parecidos, cujas crises chegaram ao ápice, à exaustão da economia

Isso inevitavelmente irá levar a uma mudança substantiva no poder político, tanto maior quanto mais próximas estejam os processos eleitorais nos países. Atentando-se para um elemento que pode ser motivador de reforçar governos de viés autoritário, de extrema-direita com intenções totalitárias, os possíveis adiamentos de eleições, sob argumento do caos gerado pelo Corona Vírus, mas que em essência pode significar a tentativa de implementação de projetos totalizantes, como aliás já ocorre em alguns países, por meios de medidas profundamente autoritárias e antidemocráticas.

O que vai estar em jogo nos próximos meses pós-quarentena será a capacidade da sociedade não se abater com esse confinamento, e as organizações sociais e associações comunitárias conseguirem disputar contra o poder discriminatório do Estado e das igrejas neopentecostais, o protagonismo no envolvimento das populações periféricas, apontando para elas a necessidade de seguir por um caminho de construção de relações solidárias e de comum união.

Plague, Spanish flu and covid19 - geographizing pandemics around the world

Abstract: The pandemic that strikes the world, caused by the spread of the “SARS COV-2” virus, is one of the greatest challenges that humanity has ever faced. But it is necessary to go back to the past, and, through history, try to understand how we face and deal with other epidemics at different times, which led to the death of millions of people. In this bibliographic article, we analyzed three cases, plague in the middle ages, Spanish flu at the beginning of the 20th century and the current covid epidemic 19. In each of these moments, there were different ways of dealing with diseases and strategies to return to social normality. Understanding at least part of these historical processes is what this text proposes.

Keywords: Pandemics. Covid19. Coping. Historical analysis

Peste, gripe española y covid19: geografía de pandemias en todo el mundo

Resumen: La pandemia que azota al mundo, causada por la propagación del virus "SARS COV-2", es uno de los mayores desafíos que ha enfrentado la humanidad. Pero, es necesario volver al pasado y, a través de la historia, tratar de comprender cómo enfrentamos y lidiar con otras epidemias en diferentes momentos, lo que llevó a la muerte de millones de personas. En este artículo bibliográfico, analizamos tres casos, la peste en la edad media, la gripe española a principios del siglo XX y la actual epidemia de covid19. En cada uno de estos momentos, había

diferentes formas de tratar las enfermedades y las estrategias para volver a la normalidad social. Comprender al menos parte de estos procesos históricos es lo que propone este texto.

Palabras clave: pandemias. Covid19. Afrontamiento Análisis histórico

Referencias

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do Império Americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BASTOS, Mário Jorge da Motta. **O poder nos tempos da peste (Portugal – séculos XIV/XVI)**. Niterói: Editora da UFF, 2009.

GOULART, Adriana da Costa. **Um cenário mefistofélico - A gripe espanhola no RJ**. Niterói: Universidade Federal Fluminense (PDF), 2003.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995

_____. **Tempos Interessantes. Uma vida no século XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e Colapso Ambiental**. SP: Editora da Unicamp, 2016. 2ª Edição.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

SINGER, Paul (Coord.) – **Marx. Coleção Os Economistas**. SP: Nova cultural, 1996

Sobre o autor

Romualdo Pessoa Campos Filho – Graduado em história, mestre e doutor em Geografia. Docente do Instituto Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.

Recebido para avaliação em abril de 2020

Aceito para publicação em abril de 2020